

Presidência da República
Arquivo Nacional

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, v.15, NÚMERO 2, JULHO/DEZEMBRO 2002

© 2002 by Arquivo Nacional
Rua Azeredo Coutinho, 77
CEP 20230-170 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro-Chefe da Casa Civil

Pedro Pullen Parente

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Coordenadora-Geral de Divulgação e Acesso à Informação

Mary Del Priori

Editora

Mary Del Priori

Conselho Editorial

Ana Maria Cascardo Varela, Adriana Cox Hollós, Clóvis Molinari Júnior, Maria do Carmo Teixeira Rainho, Mary Del Priori, Maria Isabel Falcão, Maria Izabel de Oliveira, Mauro Lerner Markowski, Mônica Medrado.

Conselho Consultivo

Ana Maria Camargo, Angela Maria de Castro Gomes, Boris Kossoy, Célia Maria Leite Costa, Elizabeth Carvalho, Francisco Falcon, Helena Ferrez, Helena Corrêa Machado, Heloísa Liberalli Belotto, Ilmar Rohloff de Mattos, Jaime Spinelli, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, José Carlos Avelar, José Sebastião Witter, Léa de Aquino, Lena Vânia Pinheiro, Margarida de Souza Neves, Maria Inez Turazzi, Marilena Leite Paes, Regina Maria M. P. Wanderley e Solange Zúñiga

Edição de Texto e Revisão

José Claudio da Silveira Mattar

Projeto Gráfico

André Villas Boas

Editoração Eletrônica e Capa

Giselle Teixeira e Tânia Maria Cuba Bittencourt

Secretaria

Ana Teresa de Oliveira Scheer

Acervo: revista do Arquivo Nacional. —
v. 15, n. 2 (jul./dez. 2002). — Rio de Janeiro: Arquivo
Nacional, 2002.
v.; 26 cm

Semestral
Suspensa de 2000 a 2001
Cada número possui um tema distinto
ISSN 0102-700-X

1. Historiografia - Brasil - I. Arquivo Nacional

CDD 981

S U M Á R I O

Apresentação

3

“Dizem as Quitandeiras...”

Ocupações urbanas e identidades étnicas numa cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX

Carlos Eugênio Libano Soares e Flávio dos Santos Gomes

17

Reinventando o Cativo, Construindo a Emancipação

Escravos, senhores e lógicas de sociabilidade em fazendas de café (Sudeste, 1860-1888)

Luiz Alberto Couceiro

33

Nos Domínios Portugueses

Mecanismos de estruturação e manutenção do mercado mear platino (1750-1800)

Tiago Luís Gil

55

Ordem (na Corte) e Progresso

O Poder Judiciário e o mercado financeiro na transformação econômica republicana

Aldo Musacchio

69

A Despeito do Defeito

Artesãos na cidade do Rio de Janeiro, c. 1690 - c. 1750

Daniela Santos Barreto

87

Corriqueiro como Nascer e Morrer

Práticas sociais e parentesco em Santa Cruz, Rio de Janeiro (1791-1817)

Carlos Engemann

101

A Censura versus o Teatro de Chico Buarque de Hollanda, (1968-1978)

Sandra Siebra Alencar

A P R E S E N T A Ç Ã O

rquivos e documentos, como dizem os franceses, *ça va de soit!* Essa constatação é tão mais importante quanto sabemos que arquivos e documentos são os fundamentos do saber histórico, e, também, da memória da nação e da construção do Estado. A consciência de que a história se faz por meio de documentos teve, ao longo do tempo, várias representações. No século XIX, fundou-se o primado dos arquivos no trabalho do historiador, primado inicialmente teorizado por Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois. Na mesma época, construía-se, na França, a profissão universitária do historiador – que veio a ser copiada no resto do mundo –, enquanto os últimos retoques eram dados na organização institucional dos arquivos. A história apresentava-se então como uma reunião de fatos cuidadosamente exumados pelo paciente trabalho de pesquisadores.

O surgimento da chamada Escola dos *Annales*, logo depois da Primeira Guerra Mundial, levou à crítica do intrusivo monopólio dos arquivos. “O texto, dizia Lucien Fèbvre numa aula inaugural, em 1933, no *Collège de France*, sem dúvida; mas, todos os textos e não somente,

textos”. O conhecido historiador não propunha absolutamente a eliminação dos arquivos sobre os quais, ontem como hoje, funda-se o conhecimento da disciplina, mas, sim, estender a coleta, renovando o repertório documental. A partir da década de 1930, a noção de fonte para o conhecimento do passado passou a incorporar a literatura erudita e popular, os jornais, além da música, do cinema, da fotografia etc. Punha-se um fim ao método simplista que deduzia ou extraía, mecanicamente, fatos de fontes. A reflexão epistemológica dos pesquisadores colocou em evidência um questionamento sobre o passado, questionamento, sublinhe-se, indissociável da busca de novas fontes documentais e de novas maneiras de usar os arquivos.

O número especial desta revista *Acervo* vem ao encontro desse novo questionamento, abrindo-se à colaboração dos que usaram velhos testemunhos para novas interrogações. Os trabalhos aqui apresentados demonstram que os historiadores foram capazes de trocar a acumulação pela variação de escalas de observação, extraíndo da exploração de fundos documentais ou de documentos restritos

e fragmentários do Arquivo Nacional, matéria para, a partir de um indivíduo ou de um fato, reconstituir e compreender toda uma sociedade.

Para além de contribuições inéditas que cobrem da história colonial àquela do tempo presente, este número é uma homenagem aos pesquisadores que, na maior parte das vezes, anônimos, dedicam-se ao ofício de observar restos, marcas e fragmentos do passado, conscientes dos limites da documentação no que toca a essa conversa com os mortos – como a denominou Robert Darnton –, mas, também, da riqueza do diálogo entre passado e presente.

Os trabalhos aqui selecionados são a resposta a uma carta que durante meses convidou todos que acediam à Sala de Consultas a enviar artigos escritos com base em documentos da Casa. A idéia era integrar pesquisadores num número comemorativo que marcasse a transferência do Arquivo Nacional para sua nova sede, à praça da República 173. É com prazer que oferecemos ao leitor esta coletânea selecionada entre os vários artigos enviados, numa demonstração de apreço e respeito por nossos pesquisadores, por aqueles que, como nós, preocupam-se com a história e a memória do país.

Mary Del Priori

Editora